

## APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO

### LEARNING OF THE CHILD WITH AUTISM

**Beatriz Doerner de Souza<sup>1</sup>**

**Fernanda Regina Luvison Paim<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é atualmente descrito pela presença de dificuldades na comunicação social e padrões de comportamentos restritos e repetitivos, os seus primeiros e principais sintomas aparecem na primeira infância, suas causas são genéticas e ambientais, a chamada epigenética, que consiste na pré-disposição genética e gatilho ambiental, sua manifestação ocorre de maneira muito diferente e singular em cada indivíduo, fazendo com que os indivíduos com o Transtorno sejam diferentes entre si em várias nuances. O diagnóstico precoce é fundamental para um bom desenvolvimento do sujeito, visto que as terapias são fundamentais para um bom funcionamento, desenvolvimento e aprendizagem da pessoa com TEA. Grande parte destes sujeitos apresentam alguma alteração sensorial. A abordagem Applied Behavior Analysis (ABA), é reconhecida cientificamente por ser eficaz no tratamento do Transtorno do Espectro Autista. O currículo de aprendizagens da criança com TEA deve ser individualizado, respeitando os seus conhecimentos prévios, sua necessidade de aprendizagem e os comportamentos que precisam ser melhorados. A participação da família é altamente importante no tratamento terapêutico deste sujeito, visto que a terapia deve ser intensiva. Existem estratégias e materiais que podem facilitar e auxiliar no processo de aprendizagem da criança com TEA. A inclusão na escola de ensino regular é altamente importante para o desenvolvimento deste indivíduo, o psicopedagogo tem papel importante para o sucesso deste processo.

**PALAVRAS CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista. Terapia. Análise do comportamento aplicada. Aprendizagem. Materiais. Inclusão. Psicopedagogia.

**ABSTRACT:** Autistic Spectrum Disorder (ASD) is currently described by the presence of media difficulties and restricted and repetitive behavior patterns, its first and main symptoms appear in early childhood, its causes are genetic and environmental, the so-called epigenetic, which consists of genetic predisposition and environmental trigger, its manifestation occurs in a very different and unique way in each individual, making individuals with the disorder different from each other in several nuances, early diagnosis is fundamental for a good development of the disease. Since therapies are fundamental for the good functioning, development and learning of the person with ASD, most of these individuals present some

<sup>1</sup> Psicóloga graduada pela UNESC. Aprimorada em Análise do Comportamento Aplicada pelo Grupo Gradual.

<sup>2</sup> Psicopedagoga e mestre em educação. Professora do curso de pedagogia UNESC.

Psicofernanda.paim@gmail.com.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

sensory alteration, the Applied Behavior Analysis (ABA) approach, is scientifically recognized to be effective in the treatment of ADD. Autistic Spectrum, the learning curriculum of the A child with ASD should be individualized, respecting their previous knowledge, their need for learning and the behaviors to be improved, family participation is highly important in the therapeutic treatment of this subject, since therapy must be intensive, there are strategies and materials that can facilitate and assist in the learning process of children with ASD, inclusion in the regular school is highly important for the development of this individual, the psychopedagogue plays an important role for the success of this process.

**KEYWORDS:** Autistic Spectrum Disorder. Therapy. Applied behavior analysis. Learning. Materials. Inclusion. Psychopedagogy.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de estudar a aprendizagem da criança com autismo através de estratégias de ensino da análise do comportamento aplicada, para isso iremos conceituar o que é o autismo, identificar estratégias da análise do comportamento aplicada que auxiliem na aprendizagem destas crianças e exemplificar atividades e materiais que possam contribuir neste processo de aprendizagem.

Além de buscar compreender a importância da psicopedagogia para o processo de inclusão destas crianças na rede de ensino regular, o autismo tem sido amplamente estudado, principalmente na última década, tornando-se altamente relevante falar desta temática. Levando em consideração que a última pesquisa estatística citada pelo Controle de Doenças americano é de que a cada 59 nascimentos, um está dentro do Transtorno do Espectro Autista.

Devido ao aumento de incidência de autismo nos dias atuais, faz-se altamente importante instrumentalizar e orientar profissionais que lidam com a educação de crianças na escola e fora dela também. É importante que os professores e equipes escolares se capacitem e façam leituras com esta abordagem para entenderem e lidarem melhor com este público que é crescente nas escolas públicas e privadas.

Estas crianças e famílias precisam de uma rede de apoio para melhorar a qualidade de vida do indivíduo com TEA e de todos que com ele convivem, e é sim possível que isso aconteça e é por isso que se faz necessário estudar este tema, conhecer abordagens de

trabalho que possam contribuir, bem como, materiais e estratégias que possam acessar e facilitar o aprendizado deste sujeito.

## 2 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

O transtorno do espectro autista é descrito pelo manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5), através de uma díade que engloba alterações na comunicação social e padrões de comportamentos restritos e repetitivos.

Ainda de acordo com o DSM-5 (2013), os critérios diagnósticos para o transtorno do espectro autista são:

1. Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes:

a. Déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social;

b. Falta de reciprocidade social;

c. Incapacidade para desenvolver e manter relacionamentos de amizade apropriados para o estágio de desenvolvimento.

2. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras abaixo:

a. Comportamentos motores ou verbais estereotipados, ou comportamentos sensoriais incomuns;

b. Excessiva adesão/aderência a rotinas e padrões ritualizados de comportamento;

c. Interesses restritos, fixos e intensos.

3. Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades.

Abujadi (2013) relata que o Transtorno do Espectro Autista tem incidência precoce e suas causas são genéticas e ambientais multifatoriais, chamada de epigenética, que consiste na pré-disposição genética e gatilho ambiental. O autor ainda cita que a formação e o desenvolvimento do sistema nervoso são afetados, provocando impacto na arquitetura cerebral.

Atualmente é comum ouvir-se falar em “autismos”, visto que este transtorno se manifesta de maneira muito diferente e particular em cada indivíduo, dentro deste diagnóstico existem três níveis de classificação, sendo estes leve, moderado e grave, o que determina o grau de autismo é a necessidade de apoio para realizar tarefas do dia a dia, prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento.

Ou seja, pessoas com diagnóstico de autismo com boa funcionalidade e autonomia se enquadram no autismo leve, os que necessitam de maior apoio se caracterizam no autismo moderado e aqueles com grande necessidade ou total apoio são denominados de autismo severo ou grave.

Como citado anteriormente o uso do termo “autismos” vem sendo empregado usualmente, com o objetivo de explicitar o significado da palavra espectro, que faz parte do diagnóstico atualmente, cientificamente essa palavra utilizada para representar amplitudes ou intensidades e é nesta intensão que ela é relacionada ao Transtorno do Espectro Autista.

Schwartzman e Araújo (2011) relatam que o diagnóstico precoce no TEA é fundamental para um bom desenvolvimento do sujeito, pois é a partir daí que é feito todo o direcionamento da intervenção, que vai desde as idades iniciais, até a adolescência e vida adulta.

Através da intervenção é possível diminuir os sintomas de autismo, tornando o indivíduo mais funcional, conseguindo melhorar nas habilidades de vida diária, bem como, aprendizado social e acadêmico, trazendo maior qualidade de vida para a pessoa com TEA, família e profissionais que trabalham com o mesmo.

É importante citar que grande parte das pessoas com autismo possui alguma alteração sensorial, geralmente são alterações no sistema proprioceptivo e vestibular, onde o primeiro se caracteriza como sentir-se no espaço e ter consciência do seu corpo e o segundo refere-se ao movimento e equilíbrio do corpo. Alguns estudos já fazem referência ao tema, como cita Grandin (2013):

Em todas as pesquisas sobre o cérebro autista feitas por geneticistas e neurocientistas, apesar dos avanços, fica claro que a questão dos problemas sensoriais não é prioritária [...] Embora os especialistas em autismo tenham em grande medida desprezado os problemas sensoriais como objeto de estudo, o fato é

que não se pode estudar o autismo sem buscar um modo de categorizar as questões sensoriais (GRANDIN, 2013 p. 79-82).

Sendo assim para pensar a aprendizagem da criança com autismo devemos ao menos levar em consideração as questões sensoriais, que são importantes para um bom aproveitamento dos recursos utilizados.

Conclui-se então que atualmente o autismo é visto como uma perturbação que afeta a relação, o comportamento e a comunicação, sendo que os indivíduos apresentam dificuldades marcadas na regulação, processamento e organização da experiência sensorial e perceptiva.

## 2.1 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA/APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS-ABA

A análise do comportamento aplicada é uma abordagem que deriva do behaviorismo radical, é conhecida como ABA por ser a sigla americana de Applied Behavior Analysis, essa abordagem é reconhecida cientificamente por ser eficaz no tratamento do Transtorno do Espectro Autista.

Lear (2004) relata que a análise do comportamento aplicada pode ser utilizada para tratar diversas questões diferentes e cobrir muitos tipos diferentes de intervenções que objetivem a mudança de comportamento. Louyse (2019) lembra que a literatura aponta que as intervenções precoces e intensivas fundamentadas em Análise do Comportamento são as mais indicadas para o tratamento de TEA.

De acordo com Louyse (2019) apud Fernandes e Amato (2013) as propostas de intervenção baseadas em ABA são mencionadas como o único modelo com resultados cientificamente comprovados para as intervenções direcionadas ao TEA. A intervenção baseada na ciência da análise do comportamento aplicada deve ser intensiva e chega a ser citada por Lear (2004) a necessidade de 40 horas semanais, sendo que neste tempo também são feitos treinos de habilidades sociais e de atividades de vida diária, além de habilidades esperadas ao desenvolvimento.

No Brasil para que isso ocorra é muito comum o treino de aplicadores e o treino de pais, que é o mais importante, sendo que são eles que irão acompanhar o desenvolvimento da criança por toda essa trajetória. A autora ainda preconiza a necessidade de um tratamento individualizado, onde cada criança segue um currículo de ensino individualizado, com registros individuais monitorando cada avanço.

Louyse (2019) salienta que as intervenções comportamentais utilizadas para o tratamento do TEA são direcionadas as áreas do desenvolvimento em que a criança apresenta déficits/dificuldades ou atrasos, bem como, para comportamentos que se apresentam em excesso ou de maneira inadequada, gerando prejuízo na aprendizagem e adaptação funcional da criança.

A mesma coloca que para traçar um plano de intervenção individualizado, é necessário considerar que o autismo é um transtorno do desenvolvimento e por isso é necessário avaliar se os comportamentos e habilidades da criança estão congruentes com o esperado para sua idade cronológica, assim ao identificar os prejuízos deve se delimitar os comportamentos e habilidades alvo da intervenção.

É importante relatar que para traçar as metas da intervenção é necessário coletar dados com a família e escola, já que estes forneceram subsídios para tal. Além disso, Louyse (2019) lembra que é importante conhecer quais são as habilidades já adquiridas no repertório da criança e o que ela gosta, sempre alinhando os objetivos e as estratégias nos diversos ambientes em que a criança está inserida para que o comportamento aprendido em um contexto seja generalizado.

Sobre generalização, Skinner (1974) apud Louyse (2019) descreve que um comportamento reforçado em uma ocasião tem maior probabilidade de ocorrer em situação semelhante, porém, no processo de generalização, podem acontecer os mesmos comportamentos em ocasiões que partilhem apenas algumas das mesmas propriedades.

Sendo assim, a análise do comportamento aplicada visa desenvolver habilidades importantes para o desenvolvimento e diminuir comportamentos socialmente inadequados, buscando uma melhora de qualidade de vida e de aprendizagem.

## 2.2 ATIVIDADES E MATERIAIS QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO

Devemos pensar no ensino da criança com autismo a partir das habilidades que já foram desenvolvidas e daquelas que ainda precisam evoluir ou serem aprendidas, por isso, cada criança deve ter seu currículo individualizado, seja na escola ou nas terapias.

De acordo com Fialho (2017) todo indivíduo é único, pois os comportamentos são determinados pela genética, cultura e sua história de vida, tornando o processo de aprendizagem de cada indivíduo único, por isso, a necessidade de pensar em cada criança pelo seu próprio viés de desenvolvimento.

Schwartzman e Araújo (2011) lembram que as habilidades importantes que precisam ser observadas na criança para então começar a traçar um plano para a mesma são: Coordenação motora fina e ampla, orientação visuo-motora, sentar-se à mesa, imitação, contato visual, brincar funcional e simbólico, linguagem, intenção comunicativa, reciprocidade sócio-emocional e atenção compartilhada.

É conhecido o conceito de que a criança aprende com o brincar e não é diferente no indivíduo com TEA, Cunha (2016) lembra que a criança com autismo também aprende, pois a aprendizagem é característica do ser humano. Louyse (2019) relata que é através das consequências naturais do brincar que a criança entra em contato com oportunidades de aprendizado. Rose e Gil (2013) apud Louyse (2019) destacam que a brincadeira modela, diferencia e refina habilidades, maximizando a motivação da criança para aprender.

Sendo assim, levando em consideração as habilidades alvo, citadas anteriormente, são interessantes brincadeiras estruturadas, com o uso de imagens para facilitar o entendimento da criança, podendo utilizar-se de atividades grafomotoras, circuitos psicomotores, músicas com breves coreografias, brincadeiras sensório-motoras, jogos estruturados, brincadeiras compartilhadas (minha vez e sua vez), faz de conta com materiais concretos, levando sempre em consideração o hiperfoco da criança e a necessidade de ajuda para cumprir tal demanda, bem como, o uso de reforçadores, que são importantes para manter a motivação.

Geralmente elogiamos as crianças, com o objetivo de mantê-las engajadas nas atividades e continuarem aprendendo, e elas acabam se interessando pela atividade pelo simples prazer de aprender ou completar a tarefa, Fialho (2017) explica que muitas vezes as crianças com desenvolvimento atípico podem não ficar engajadas com este tipo de reforçamento natural nas atividades, por isso, torna-se fundamental o uso de reforçadores positivos arbitrários, ou seja, aqueles que são liberados imediatamente após o acerto, ou quando a criança cumpre a demanda solicitada, este reforçador pode ser um elogio seguido de cócegas, intervalos, brinquedos, vídeos, objetos sensoriais, entre outros que despertem o interesse da criança.

Agora pensando em materiais que possam ajudar nas atividades de cunho acadêmico, Fialho (2018) cita que muitas crianças com TEA apresentam atrasos na coordenação motora fina, apresentando dificuldades em atividades para pintar, por exemplo, também é frequentemente associada a falta motivação para estas atividades, já que pode não ser o interesse da criança, além disso a pintura pode exigir um alto custo de resposta (muitos movimentos com o lápis) para que a atividade seja finalizada pela criança.

Por isso, a mesma autora sugere a troca do lápis de cor pelo giz em gel, ele já é facilmente encontrado nas papelarias do Brasil e solta a tinta muito rapidamente, costumando ajudar a criança a finalizar a demanda com mais agilidade e tornando assim a atividade mais prazerosa e menos cansativa.

Ainda sobre os desenhos Fialho (2018) sugere que estes sejam bem “limpos”, sem fundos e de grande proporção, para facilitar a pintura dentro do espaço, sugerindo ainda que haja um modelo para a criança copiar as cores adequadas.

A autora relata que para crianças que apresentam maior resistência a estas atividades, é interessante começar usando os *aquabooks*, que são livros onde a criança pinta com água, é só passar água (com pincel ou com a canetinha de água que já vem com o livro) no desenho e as cores vão aparecendo, estes livros costuma aumentar a motivação na atividade, já que facilita a pintura sem fazer borrões, por exemplo.

Fialho (2018) lembra que devido à dificuldade de coordenação motora fina as atividades de escrita e de recorte podem ser difíceis para algumas destas crianças, e por isso sugere adaptadores de lápis para ensinar a pega correta no lápis e o uso de tesouras adaptadas

com mola, onde a tesoura já se mantém aberta e a criança só precisa fazer o movimento de fechar a tesoura para fazer o movimento necessário de recorte.

[...] é fundamental programar uma aprendizagem sem erros, que começa com tarefas simples e com muita ajuda e evolui para tarefas gradualmente mais complexas e com menos ajuda. (Fialho, 2017, s/p).

A mesma autora sugere algumas dicas para tornar as atividades mais motivadoras e prazerosas para estas crianças, como reduzir os enunciados, apresentar apenas uma instrução por enunciado e evitar textos que exijam interpretação, usar frases curtas e bem claras com palavras-chave, a atividade deve ser objetiva, inicialmente não necessitando de uma interpretação.

Fialho (2017) relata que deve ser apresentada uma demanda por página, atividades para ligar, recortar e colar, pintar, circular, marcar X, são mais interessantes que atividades para escrever (dissertativas), para motivar a criança pode-se incluir temas do interesse da criança (desenhos/personagens) em todas as atividades.

A autora lembra que os conteúdos precisam ser reduzidos e simplificados, levando em consideração o que tem função na vida deste aluno, podendo ser importante ao seu cotidiano e que possa ser contextualizado para ele, é muito importante evitar questões com duplo sentido, não fazer o uso de metáforas e figuras de linguagem, pois são de difícil compreensão para a criança com TEA, utilizar apoio visual, sempre deve ter uma imagem para o aluno consultar ou que represente aquele conteúdo, tornando a temática estudada mais concreta.

Sendo assim, com algumas adaptações e materiais específicos pode-se tornar o aprendizado da criança com autismo algo mais prazeroso, motivador e rico, trazendo oportunidade de ganho prático na aprendizagem destes indivíduos.

## 2.3 PSICOPEDAGOGIA E INCLUSÃO

No dicionário a palavra inclusão significa acrescentar pessoas ou objetos a grupos que antes não pertenciam, a inclusão representa um ato de igualdade entre os diferentes

indivíduos que habitam determinada sociedade e passa a fazer sentido quando se entende que cada indivíduo é único e precisa de estratégias diferentes para aprender ou socializar-se.

A primeira aparição da inclusão na legislação foi na declaração de Salamanca (1994) onde diz que “Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem (...)”.

Depois disso a Lei de diretrizes e bases da educação nacional (1996 - LEI Nº 9.394) – LDB, onde cita em seu Artigo 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades.

Em 2012 a lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/12) também faz menção em seu Art. 3º afirmando que a criança com TEA tem direito ao acesso à educação e ao ensino profissionalizante. Em um parágrafo único a mesma Lei, afirma que em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito ao acompanhante especializado na escola.

Recentemente a Lei Brasileira de Inclusão (nº 13.146/15) assegura que toda criança tem o direito a educação que é obrigação do Estado (artigo 54 do ECA) e no caso da criança, adolescente ou adulto com deficiência, o Estado deve garantir atendimento especializado preferencialmente na rede regular de ensino, já que toda a criança e adolescente têm direito à educação para garantir seu pleno desenvolvimento como pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Com este aporte teórico pode-se perceber que a inclusão da pessoa com TEA na educação regular é um direito adquirido e previsto por lei, atualmente este assunto está sendo bastante debatido, visto que a educação inclusiva passa por um período de conhecimento e estruturação por parte das escolas, que vem recebendo alunos com deficiência anualmente.

De acordo com Cunha (2016) no Brasil há um grande movimento em direção às demandas da inclusão escolar, sendo que a atenção às diferenças tem espaço central nas discussões. Mantoan (2008) relata que para a escola ser inclusiva é necessário que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, livre de preconceitos e que valorize e respeite as diferenças.

Cunha (2017) afirma que a inclusão escolar pode iniciar pelo professor, porém, nem sempre existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola. O treino dos profissionais que irão atuar com o aluno com autismo deve ser feito de acordo com as especificidades desta criança, levando em consideração também a adaptação curricular, em famílias com equipe de trabalho este treino já é feito desde o início do ano letivo e são garantidas reuniões e discussões para alinhar estratégias que possam beneficiar este indivíduo, mas infelizmente esta não é a realidade de muitas famílias brasileiras.

Com a falta deste treino especializado aos profissionais é comum que se faça confusão entre inclusão e integração, Mantoan (2008) cita que a indiferenciação entre integração e inclusão escolar reforçam os paradigmas tradicionais do serviço educacional e as discussões acerca do tema geram inúmeras polêmicas.

Na perspectiva da autora a inclusão vem com o propósito de melhorar a qualidade de ensino das escolas, atingindo todos os alunos. Realmente, com a inclusão escolar bem feita todos os alunos têm vantagens, pois lidar com as diferenças é parte constituinte importante do ser humano e segundo Cunha (2016) o professor é essencial no papel de trabalhar com as diferenças, levando sucesso às ações inclusivas.

A inclusão do aluno com autismo caminha para o sucesso quando o aluno tem um currículo individualizado, respeitando suas habilidades e adaptando com os conteúdos que o restante da turma irá estudar no ano letivo, na maioria dos casos também se faz necessário a presença de um Acompanhante Terapêutico (AT).

Este profissional deve ter formação superior ou em andamento nos cursos de pedagogia, psicologia ou áreas afins, algumas das suas funções são: antecipar o que vai acontecer para o aluno, oferecendo previsibilidade através do quadro de rotinas, observar com o professor qual o melhor lugar para a criança sentar, minimizar a ansiedade do sujeito (reduzindo o tempo de espera), ajudar a estimular a autonomia na criança, além de proporcionar estímulos em relação à fala, a brincadeira com o colega, promovendo interação, permitindo que o aluno explore o ambiente (Não se deve obrigar o aluno a sentar, permitir que toque os materiais, modelar o comportamento correto), sempre levando a afetividade para o centro de todas as atividades e disciplinas.

É importante lembrar que mesmo com a presença de um AT em sala de aula, o professor ainda é a referência para aquele aluno e também é o professor que deve elaborar o plano individualizado do aluno, bem como, adaptar as atividades em questão.

Apesar de se falar em diferenças quando se pensa em inclusão, Mantoan (2010) lembra que a inclusão está apoiada na ideia de igualdade, para ela a escola inclusiva deve assegurar a igualdade entre os alunos diferentes, garantindo o direito à diferença na igualdade de direito à educação.

Mantoan (2009) relata que o objetivo da inclusão é de desconstruir para flexibilizar os sistemas escolares, onde assume posição contrária à perspectiva da identidade “normal” que justifica a falsa uniformidade das turmas escolares, já que a diferença é que possibilita uma escola ser flexível e acessível para todos.

Para pensar em inclusão é importante pensar no psicopedagogo, já que este profissional está intimamente ligado às aprendizagens do indivíduo e as suas dificuldades e especificidades também.

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia – e evolui devido à existência de recursos, ainda que embrionários, para atender a essa demanda, constituindo-se, assim, em uma prática. (Bossa apud Cunha, 2017, pg 103).

Cunha (2017) considera a psicopedagogia importante no processo de inclusão, porque esta é uma área do conhecimento que atua nas novas formas de ver a educação, onde se observa mais os movimentos do aluno diante da tarefa do que a tarefa por si só.

Citou-se anteriormente a importância de se levar em consideração os interesses da criança e de acordo com Cunha (2017) através da observação do psicopedagogo é possível selecionar os estímulos que tornam o aprendente mais receptivo às práticas pedagógicas.

O autor ainda relata que a psicopedagogia não atua sozinha neste processo inclusivo, sendo necessária toda uma equipe de profissionais focados aos problemas de aprendizagem e as suas soluções, apontando caminhos e alternativas.

E sendo assim Cunha (2017) trás o pensamento que a escola é um local de aprendizado para qualquer aluno, onde se deve proporcionar desenvolver habilidades e

superar os seus limites, pois é um espaço rico, por possibilitar o aprendizado por meio da interação e do interesse.

A escola deve educar, também, para o desenvolvimento da autonomia do aprendente, abrangendo toda a complexidade que há na individualidade de cada um, pois a natureza humana é uma unidade complexa, é um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Este é um olhar psicopedagógico. (Cunha, 2017, pg 113).

Portanto a discussão que vem aumentando no sentido de se pensar a inclusão da criança com autismo na educação regular é muito pertinente e importante na atualidade, levando em consideração o papel de todo o corpo docente da escola e ainda do psicopedagogo, que é peça fundamental neste contexto.

## 2.4 O AUTISMO NA ESCOLA

Vale a pena discutir alguns aspectos que podem nortear o corpo docente na condução do aprendizado de um aluno com autismo na escola, como o que é necessário conhecer neste aluno e como se pode ajuda-lo.

Para isso Cunha (2016) levanta alguns aspectos e questões que podem auxiliar a equipe escolar a lidar de maneira eficaz com o aluno com Transtorno do Espectro Autista:

- **Motivação:** O aluno precisa estar motivado, é importante observar e identificar quais os seus pontos de interesse na aula;
- **Estratégias de ensino:** Buscar o interesse do aluno, incentivos/reforçadores para manter o mesmo engajado, estabelecer atividades em que já haja domínio para o permanente foco de interesse em toda a experiência escolar;
- **Perseverança na finalização das atividades:** Observar se o aluno consegue terminar o que começou, se é necessário reduzir a demanda;
- **Atividades curtas:** Utilizar-se dos interesses da criança para elaborar a atividade, proporcionar atividades mais curtas, principalmente se a criança tiver dificuldade em manter o foco atencional.

- Participação em grupo: Auxiliar o aluno a se manter no grupo e interagir com os demais colegas;
- Autonomia: Elevar o nível de autonomia nas atividades de vida diária propostas pela escola, como ir ao banheiro, bem como, nas atividades acadêmicas;
- Comunicação: Identificar quais comportamentos a criança usa para se comunicar e auxiliar na melhora desta habilidade, usando quadros de rotina, comunicação alternativa ou através da própria mediação, dependendo da necessidade da criança.

Sobre os quadros de rotina que já foram citados algumas vezes, o caderno Pandorga de Autismo – volume 5 (2015) afirma que crianças com TEA podem ter dificuldade em lidar com mudanças no seu horário ou na equipe docente, é nestas questões que o quadro de rotinas deve atuar, oferecendo previsibilidade e antecipando o que irá acontecer no dia daquele aluno, com a função de manter o seu comportamento organizado.

A rotina deve ser apresentada para essa criança no início da aula, com uma organização cronológica clara das atividades planejadas. O professor deve ter o cuidado de acomodar a mesma na primeira fila ou o mais próximo possível dele para se certificar da atenção do aluno. Dispor sobre a carteira o mínimo de material escolar, para que isso não tire a sua atenção, pode ser também uma outra excelente estratégia. (Omairi et. Al., 2013, pg 119.)

Quando se pensa em escola, precisamente no ensino fundamental, logo se reflete a questão da alfabetização, Omairi et. al. (2013) relatam que a possibilidade da aquisição de leitura e escrita representa muita relevância para as crianças com diagnóstico de TEA, os autores ainda lembram que para este público pode demandar de maior atenção dos profissionais envolvidos no processo, por isso, é importante traçar metas e estratégias, além de estimulação sistemática, estruturada e adequada as características de cada aluno com autismo, muitas das coisas que as crianças típicas aprendem intuitivamente precisam ser ensinadas às crianças com autismo. A repetição, ajudas verbais e físicas são grandes aliadas neste processo.

Trabalhar com alunos de educação inclusiva reflete amor e cuidados, Cunha (2017) afirma que estes valores devem vir antes de qualquer ensino, pois a vida é afetividade e esta precisa ser trazida para dentro da escola. Colaborando com esta ideia Omairi et. al. (2013) lembram que é fundamental acreditar no potencial de aprendizagem destas crianças, ancorando novos desafios, buscando métodos e técnicas que contribuam para a aprendizagem destas crianças, pois elas enxergam o mundo de forma diferente, mas vivem neste mundo e não podem ser deixadas à margem da sociedade.

Por fim, entende-se que crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista podem e devem estar inseridas nas escolas de educação regular, pois elas conseguem aprender e é importante para o desenvolvimento dos mesmos a interação com os pares de desenvolvimento típico, já que estes oferecem modelos de bons comportamentos e auxiliam no desenvolvimento da criança com TEA, sem esquecer que o movimento contrário também acontece, visto que a criança com autismo ensina para as crianças de desenvolvimento neurotípico o quanto as diferenças constituem o ser humano e podem ser importantes no dia a dia.

### **3 CONCLUSÃO**

Tendo em vista a relevância do estudo do Transtorno do Espectro Autista nos dias atuais, seja pela sua necessidade de intervenção precoce, inclusão no ensino regular ou processo de aprendizagem, toda a sociedade precisa começar a enxergar esta condição com um olhar livre de preconceitos e aberto ao relacionamento, empatia, resiliência e com a intenção de contribuir no desenvolvimento humano.

Dado o exposto conclui-se que o indivíduo com autismo pode aprender muito, porém, faz-se necessário utilizar-se de estratégias e materiais que venham somar neste desenvolvimento da aprendizagem.

Tanto as estratégias, quanto os materiais devem ser pensados de forma individualizada para cada uma dessas pessoas, pois se deve levar em consideração que existem autismos e não um só autismo, por haver uma grande variabilidade comportamental e de habilidades neste transtorno aqui estudado.

O processamento sensorial destes indivíduos e as suas alterações são partes importantes constituintes do indivíduo com TEA, por isso, faz-se necessário maiores estudos sobre estas funções, além da neurobiologia do cérebro destas pessoas.

A escola está presente em uma grande parte do dia destas crianças e por isso precisa se moldar e se pautar melhor na inclusão, oferecendo direitos iguais a todos, apesar das diferenças existentes entre cada indivíduo.

A psicopedagogia vem somar no processo de inclusão por ter um olhar aberto ao seu objeto de estudo que é a dificuldade de aprendizagem, visto que este público pode apresentar esta sintomatologia, a presença do profissional psicopedagogo na inclusão é de extrema importância.

Conclui-se que a intervenção precoce, junto da inclusão na escola de ensino regular e o uso de estratégias e materiais adaptados são parte fundamental do desenvolvimento da aprendizagem da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, bem como da melhora da qualidade de vida deste indivíduo e daqueles que o cercam.

#### 4 REFERÊNCIAS:

ABUJADI, Caio. **Estimulação magnética transcraniana em indivíduos com autismo**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Usp, São Paulo, 2014.

A NOVA LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Belo Horizonte: APUBH, 1996. 87 p.

ASSOCIATION, American Psychiatric (Org.). **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

BRASIL, 2012, Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL, 2015, Lei N°. 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.

Caderno Pardorga de Autismo. **Autismo**: um guia para a equipe escolar. São Leopoldo: Oikos, 2015. 31 p.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017. 135 p.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola:** um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016. 143 p.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

FIALHO, Juliana. Autismo e inclusão escolar: a adaptação de material. **Comporte-se:** psicologia e análise do comportamento, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2017/11/autismo-e-inclusao-escolar-adaptacao-de-material>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FIALHO, Juliana. Dicas de materiais para a intervenção com TEA. **Comporte-se:** psicologia e análise do comportamento, set. 2018. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2018/09/dicas-de-materiais-para-a-intervencao-com-tea>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record Ltda, 2013. 251 p.

LEAR, Kathy. **Help us learn: a self-paced training program for ABA.** Toronto, 2004.

LOUYSE, Débora. ABA e o tratamento para o Autismo na infância. **Comporte-se:** psicologia e análise do comportamento, maio 2019. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2019/05/aba-e-o-tratamento-para-o-autismo-na-infancia>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LOUYSE, Debora. Conceituando o brincar. **Comporte-se:** psicologia e análise do comportamento, março 2019. Disponível em: <<https://www.comportese.com/2019/03/conceituando-o-brincar>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A escola flexível e a pedagogia das diferenças. **Artmed**, Porto Alegre, p.17-18, 2009.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? porquê? como fazer?. 2. ed. Sao Paulo: Moderna, 2008. 64 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O atendimento educacional especializado na educação inclusiva. **Revista da Educação Especial/secretaria de Educação Especial**, Brasília, v. 5, n. 1, p.12-15, nov. 2010.

OMARI, Claudia et al (Org.). **Autismo:** perspectivas do dia a dia. Curitiba: íthala, 2013. 238 p.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



# SABERES PEDAGÓGICOS

Revista do Curso de Graduação de Pedagogia - Unesc  
ISSN 2526-4559



Unesc  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Cariacás - CRICIÚMA



SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. **Transtornos do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon, 2011. 327 p.